

## FRATERNIDADE: QUANDO NOS IMPORTAMOS DE FATO? QUANDO RAINHAS NO HARÉM PODEM NOS AJUDAR A RESPONDER

**Elca Rubinstein**, Rabina Independente, ordenada pelo Jewish Renewal; Doutora em Economia pela Universidade de Vanderbilt, Tennessee, EUA – Gerontóloga pela Sedes Sapientiae, Capelã pela Casa do Cuidar.\*\*

**Fernando Gross**, Sacerdote Católico. Doutor em Teologia pela PUC-SP; professor no Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCDEJ); membro da Comissão Nacional da CNBB pelo Diálogo Católico Judaico – DCJ.\*\*\*

### RESUMO

Como as minorias no Brasil são tratadas? Como elas se mexem? A solidariedade e fraternidade são discursos teóricos ou não? O que precisa acontecer para que se tornem viáveis, realidade concreta na vida das pessoas? Algumas dessas minorias se isolam e se mantêm fechadas para a uma convivência ser suportável; outras conseguem se inserir, outras colocam máscaras, mas quando aparecem as ameaças surgem do aparente refúgio e se tornam visíveis à sociedade. As Rainhas Vasti e Ester podem, como mulheres que viveram subjugadas num Harém Persa, ajudar nessa reflexão, porque quando a minoria judaica foi ameaçada, ela acordou. Não como vitimização, mas capazes de adquirir cidadania, respeito e possíveis e melhores convivências.

**Palavras-Chave:** Minorias. Fraternidade. Cidadania. Convivências.

### ABSTRACT

How are minorities in Brazil treated? How do they move? Are solidarity and fraternity theoretical discourses or not? What needs to happen for them to become viable, a concrete reality in people's lives? Some of these minorities isolate themselves and remain closed to make coexistence bearable; others manage to fit in, others put on masks, but when threats appear, they emerge from their apparent refuge and become visible to society. Queens Vashti and Esther can, as women who lived subjugated in a Persian Harem, help in this reflection, because when the Jewish minority was threatened, they woke up. Not as victimization, but capable of acquiring citizenship, respect and possible better.

**Keywords:** Minorities. Fraternity. Citizenship. Coexistence.

\* Email: elcarubi@yahoo.com.br.

\*\* Email: grossfernando@gmail.com.

## **Encíclica Fratelli Tutti e Campanha da Fraternidade 2024**

Uma política que semeia divisão, inimizade ou um ceticismo desolador, uma política que é incapaz de um projeto comum, inclusivo, é uma política condenada ao fracasso” (MENDONÇA, 2021, Ecclesia).

Ao observar a Encíclica do Papa Francisco intitulada Fratelli Tutti, publicada em 3 de outubro de 2020, publicada no oitavo ano do seu pontificado, percebe-se que se trata de uma visão crítica num texto que deseja ajudar a refletir sobre o exercício da atividade política. Um texto que permite oferecer muitas perguntas diante de um mercado que se crê capaz de regular todas as assimetrias sociais e que oferece desafios para entender novamente a atividade política capaz de gerar uma qualidade política diferente e melhor: “Quanto amor coloquei no meu trabalho? Em que fiz progredir o povo? Que marcas deixei na vida da sociedade? Que laços reais construí? Que forças positivas desencadeei? Quanta paz social semeei?”. Com isso, destaca-se a realidade dura vivida por muitas minorias no mundo, que enfrentam “formas de desprezo, ódio, xenofobia, negação do outro. A verdade é que a violência não encontra fundamento algum nas convicções religiosas fundamentais, mas nas suas deformações” (FRANCISCO, 2020, nº 282).

Em contrapartida, existem ataques, críticas e suspeitas que são constantemente dirigidas a quem defende o direito das minorias. Como que uma orquestração frequente de polarização e de ódio que fere verdadeiramente a unidade entre as pessoas. Muitas pessoas não querem fazer uma experiência de “um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço” como logo no início da Encíclica Fratelli Tutti, o Papa Francisco propõe a todas as pessoas de boa vontade no planeta (FRANCISCO, 2020, nº 01).

Como consequência, várias dessas indicações perpassam a Campanha da Fraternidade desse ano de 2024 no Brasil, proposta pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) como que reforçando a necessidade de atenção da Fraternidade e da Amizade Social como parte integrante de um projeto civilizatório urgente, pois a humanidade anseia e carece de paz. Será que seja realmente viável um humanismo capaz de ser de fato solidário e de realização da existência humana? “Num mundo marcado por tantos sinais de violências, simbólicas, físicas e digitais” (SOARES, 2024, Unisinos), é possível ainda afirmar que não seja o ódio que ajude a humanidade a chegar à felicidade?

Por isso vale a pena destacar, também por causa do título deste estudo aqui apresentado, algumas características humanistas solidárias

apresentadas pelo Papa Francisco:

É preciso crer que exista uma “necessidade de um amor capaz de aceitar as diferenças” (FRANCISCO, 2020, n°191). Ao mesmo tempo é preciso afirmar que “nenhum indivíduo ou grupo humano se pode considerar onipotente, autorizado a pisar a dignidade e os direitos dos outros indivíduos ou dos grupos sociais” (FRANCISCO, 2020, n° 171). Ainda é preciso serem indicadas as motivações para que um povo permaneça constantemente aberto, “com a disposição de se deixar mover, interpelar, crescer, enriquecer por outros; e, assim, pode evoluir” (FRANCISCO, 2020, n° 160). Sim, o Papa deseja dar voz a tantos “percursos de esperança” (FRANCISCO, 2020, n° 54).

Contudo, a organização das sociedades em todo o mundo desconhece e ignora a capacidade de refletir claramente a dignidade e os direitos iguais que as mulheres possuem junto aos homens. “As palavras dizem uma coisa, mas as decisões e a realidade gritam outra” (FRANCISCO, 2020, n° 23). O convite do Papa Francisco se estende a não ficar em discussões teóricas, mas sim a entrar em contato com as feridas e tocar a carne de quem de fato paga e sofre as consequências, pois “o percurso para a paz não implica homogeneizar a sociedade, mas permite-nos trabalhar juntos” (FRANCISCO, 2020, n° 261). Uma verdadeira convergência de esforços e reconciliação somente acontecerá de maneira proativa, “formando uma nova sociedade baseada no serviço aos outros, e não no desejo de dominar” (FRANCISCO, 2020, n° 229).

### **Quem são as minorias sociais no Brasil?**

De acordo com o lugar onde se encontram as minorias, e conforme suas origens, constata-se que elas têm sua própria identidade, revelada na língua e na maneira de falar, de se vestir, nos rituais religiosos ou pagãos, nos hábitos alimentares e outras características que acabam se tornando critérios para definir quem faz parte do grupo e quem não faz. É como se fosse um muro, que delimita os contornos e define quem são seus participantes. Esse muro pode ser percebido como uma proteção para quem é do grupo, mas, ao mesmo tempo, transforma em “outro” aquele que está de fora, que passa a ser visto como uma ameaça que exige que as próprias minorias tenham que abandonar tudo isso para se adaptar aos usos e costumes da maioria dominadora.

Uma questão que se coloca é quando uma minoria tem de se esconder para se proteger, ou quando ela mesma deva se identificar para batalhar pelos seus direitos?

E outra questão é até que ponto os grupos tenham de defender os direitos uns dos outros ou se cada minoria somente deva se preocupar com as ameaças, explícitas ou veladas, que são feitas aos integrantes de uma tribo, de um clã, de um grupo, ou de uma comunidade, ou até mesmo de uma etnia?

Grupos minoritários querem respeito às suas tradições e, se quiserem preservar essas tradições, então deverão resistir e cuidar de passar esta sua identidade específica de geração em geração. Caso não brigarem pelo direito das outras minorias, além da sua, sempre existirá uma ameaça concreta contra ela – como se não fosse um problema seu, como se não devesse incomodar os outros com essa questão.

As minorias sociais no Brasil são compostas por diversos grupos que incluem a população LGBTQIA+, indígenas, negros, migrantes (venezuelanos, haitianos, orientais, judeus, árabes e outras etnias), pessoas com deficiência (PCDs), pessoas de baixa renda e idosos. Inclui-se também aqui as mulheres que, apesar de não serem minoria, são tratadas como se de fato fossem.

“A falta de representatividade das minorias sociais se estende ao mercado de trabalho, onde grupos minoritários são inferior a 10% dos colaboradores das empresas”, segundo pesquisa feita em parceria entre a Pulses, plataforma de soluções de clima organizacional, e a Nohs Somos, startup de diversidade & inclusão (Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil | IBGE). Outra forma de visualizar essas minorias apresenta-se no Censo de 2021:

### **População negra e parda no Brasil em 2021 (Censo) em %**

Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena
<b>43,0</b>	<b>9,1</b>	<b>47,0</b>	<b>0,6</b>	<b>0,3</b>

Estima-se que 161 mil haitianos vivam hoje no Brasil (MAJOR, 2024, Migra Mundo) e 510 mil venezuelanos. A população árabe varia em torno de 6 a 7% da população do Brasil, ou seja, de 11,5 a 12 milhões de ascendência árabe; já os judeus se estima o número de 120 mil judeus presentes no Brasil. Os indígenas perfazem um total de 1.694.000 habitantes residentes no país. Uma pequena amostragem que esconde uma infinidade de universos culturais, e que revela disparidades e conflitos próprios de adaptação, convivências e outras milhares e pequenas histórias de superação e de sobrevivência. Ainda mais, 850 mil brasileiros declaram serem de cor amarela, ou seja, aqueles que se declaram, segundo o censo,

serem de origem asiática, japoneses, coreanos e chineses.

É chocante ouvir brasileiros que dizem que não existe discriminação no país, que todos são iguais. Eles trazem a imagem do “melting pot”, um grande caldeirão onde ocorre a mistura e a miscigenação. Como se todos os cidadãos tivessem os mesmos direitos e deveres. Mas isso não é verdade, porque alguns indivíduos e alguns grupos não se inserem nessa realidade. Como são tratados os venezuelanos que tentam sobreviver entrando no Brasil? E os haitianos, ou as pessoas de origem oriental, asiática, ou as que professam outras religiões? É sabido que quem está fora do grupo, acaba querendo subjugar quem está dentro do grupo, exigindo que eles saiam do gueto, que estes mudem seus costumes, querem dominar quem está dentro, para inseri-los num sistema maior. Até que ponto existe a identificação pessoal com esse jeito de pertencer a uma ou outra minoria? Até que ponto se deseja permitir uma “exibição” pessoal em determinado grupo? Ou até que ponto se arquiteta um “esconderijo” ou uma “proteção” frente às ameaças? Quando um grupo é ameaçado, ele se esconde, para não correr o risco de ser dizimado e existem minorias que simplesmente se calam, ficam quietas.

Com isso, entende-se que, por vezes, fazer parte de uma minoria se revela como um ambiente protetor. Se você quiser preservar a sua tradição você resiste ao convite da maioria para fazer isso. Você permanece e transmite de geração em geração naquilo que lhe o identifica, que é a sua identidade. E existem vários grupos de minorias que não batalham pelos direitos das outras minorias. Que só acordam quando a sua própria minoria se sente ameaçada.

### **Para falar da mulher que não é minoria necessariamente**

No Censo Demográfico de 2022, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o país tem uma população residente de 203.080.756. Deste total, 104.548.325 (51,5%) são mulheres e 98.532.431 (48,5%) são homens! (Censo 2022).

As mulheres que mesmo não sendo minoria sofrem como se fosse uma minoria, maltratadas como minoria apesar de não serem, e pior ainda quando aceitam de serem tratadas como minoria, sem se darem conta que são maioria. A sociedade deve acordar, mesmo que não queira dialogar, devem aprender a conviver. A enfrentar a ‘cordialidade violenta’ de homens brancos a menosprezarem e xingarem as mulheres negras. Tantas minorias, tanta agressividade em inexistente fraternidade e desconsideração frente à vida humana.

Quantas sub-representações nas eleições de candidatos indígenas, negros e de mulheres numa fragilíssima democracia ameaçada nas suas

instituições pelos que costumam amedrontar as pessoas caso vislumbrem perder seus privilégios.

Racismo estrutural e desinformação, uso da inteligência, ou da desinteligência humana, para manutenção da opressão das minorias; quanto processo, caminho e educação faltam ainda para valorizar as pessoas, as culturas, a diversidade de raças e crenças! Grandes desafios para concretizar as ações a favor da fraternidade humana entre nações e entre os povos.

## **A questão bíblica**

Por isso, vale a pena lembrar a narrativa bíblica do Livro de Ester. Papa Francisco sempre insiste no quão saudável é fazer a memória pois “sem memória, nunca se avança; não se evolui sem uma memória íntegra e luminosa. Precisamos manter viva a chama da consciência coletiva, testemunhando às sucessivas gerações o horror daquilo que aconteceu” (FRANCISCO, 2020, nº 249). A narrativa do Livro de Ester pode surpreender o ouvinte-leitor por algumas especificidades da sua composição literária.

Na literatura da época posterior aos persas, sobretudo na época helenística, podemos ver em ótica retrospectiva, como a corte imperial é retratada nos livros de Ester e de Daniel, ou seja, “a ação e percepção da vida do século II a.C. são projetadas para a época persa” (GERSTENBERGER, 2014, p.37).

O Livro de Ester é um dos “Cinco Rolos” (Megillot) que pertencem à seção dos Hagiógrafos (Escritos) na Bíblia Hebraica (na versão LXX – Setenta (grego) e na Vulgata (latim), o livro aparece no final dos livros históricos). Este livro bíblico narra como Ester e seu tio Mardoqueu desfizeram os planos do primeiro-ministro HAMã, que queria destruir todos os Judeus do Reino de Assuero (Xerxes 1º, rei da Pérsia). Ester, esposa do rei, apesar de judia, acho melhor esconder esse fato no início de seu reinado. A narrativa alcança seu auge com o enforcamento de HAMã e sua substituição por Mardoqueu. O Livro de Ester é lido nas Sinagogas durante a Festa de Purim, o dia da virada da situação mortal planejada (Ester 9,1), no ofício da manhã e da tarde. Nenhuma outra fonte confirma esse acontecimento e a ciência histórica contradiz até alguns aspectos da narrativa tradicional. “Os especialistas se dividem sobre seu valor histórico e alguns são da opinião de que este livro era mais uma obra de ficção ou continha alguns fatos históricos consideravelmente modificados a fim de transmitir um ensinamento teológico que afirmasse a Providência e que

Deus é o Mestre de todos os acontecimentos terrestres (Cf. WIGODER, 1996, p. 331). No entanto o nome de Deus não aparece nesse texto bíblico. Surpreende o fato de que o Ser Divino não tenha protagonismo algum, parecendo ser um objetivo da narrativa mostrar que o ser humano é quem tem que ser protagonista para resolver os problemas da exclusão e da discriminação.

Isso pode ser mais bem visualizado na divisão do Livro de Ester em capítulos:

- 1,1–1,22** – O Banquete de Assuero e a rejeição de Vasti.
- 2,1–2,23** – Ester é escolhida como Rainha.
- 3,1–4,17** – O decreto de Hamã para destruir todos os Judeus
- 5,1–7,10** – No segundo Banquete, Ester revela ao Rei o plano de Hamã: ele e seus filhos são enforcados
- 8,1–10,4** – Mardoqueu é nomeado segunda pessoa depois do Rei. Os Judeus combatem os inimigos deles. É instaurada a Festa de Purim.

### **A mulher na narrativa bíblica do Livro de Ester**

“Ester intervém perante o rei em favor dos judeus, que são ameaçados por um complô de seu inimigo mortal Hamã” (GERSTENBERGER, 2014, p.38). No início ela prefere ficar neutra e isenta, para não confrontar e aborrecer o seu rei. É somente quando ela também se sente ameaçada, por fazer parte desses “sentenciados à morte”, que ela resolve tomar uma atitude.

“Os traços da vida da corte persa que aparecem no livro de Ester são mais ou menos atemporais: há ruidosas festas e uma declarada tendência do grande rei e soberano do mundo a exibir seu poder” (GERSTENBERGER, 2014, p.38). Nitidamente se instaura na narrativa bíblica a intencionalidade da lei do Império Persa em querer regulamentar a submissão das mulheres, já que os próprios conselheiros do rei advertiram ao monarca: “A conduta da rainha chegará ao conhecimento de todas as mulheres, levando-as a desprezar seus maridos, dizendo: o Rei Xerxes ordenou que trouxessem à sua presença Vasti, a primeira rainha, mas ela não veio!” (Ester 1,17). Eles tinham medo do movimento “me too” (eu também) que chegou com força na atitude das mulheres no século XXI.

E o texto continua com a decretação da lei: “Enviaram-se cartas a todas as províncias do rei, a cada província segundo seu modo de escrever e a cada povo segundo sua língua, a fim de que todos soubessem que todo

marido é chefe em sua casa...” (Ester 1,22).

Mais ainda, nisto se revela também a organização desigual e usual da sociedade que “em contextos diplomáticos, jurídicos e religiosos, redigiam documentos e libelos que pretendiam fixar e publicar algo como válido” (GERSTENBERGER, 2014, p.171)

É interessante acompanhar o texto da meguilá (rolo) e verificar a transformação que acontece nos dois personagens reais. De uma lado Ester, que entra na história como donzela vaidosa, que esconde suas origens e que vem disposta a obedecer às ordens do rei seu marido, e que de repente se assume e se transforma numa estrategista, líder comunitária, que enfrenta a todos e faz as coisas acontecerem. Do outro lado o rei, que inicia na história como um machista absolutista, e que aos poucos vai deixando sua pele de lobo para fazer tudo que Ester lhe pede. Quantos aprendizados se pode tirar dessa transformação.

### **Banquetes que revelam e que denunciam o caos e a desigualdade social**

O livro de Ester é cadenciado por vários movimentos, um deles é o dos banquetes – ao menos sete podem ser indicados (1,1-4; 1,5-8; 2,18; 3,15; 5,4-8; 7,1-8; 9,18-19) o que já mostra uma obra artisticamente muito bem elaborada. Mas aqui nada indica que exista de intencionalidade de alegria, mas que por detrás deles podem esconder, ou revelar situações bem mais dramáticas presentes. Banquetes que duram mais de seis meses que um Rei Persa (Xerxes – 485-465 a.C.) ofereça aos altos dignitários das províncias do Império Persa seguido por outro de mais sete dias (cf. Ester 1,1-5) revelam inclusive numa lei promulgada pelo rei que nenhuma lei ponha limites no beber (Ester 1,8). Revela-se, deste modo “uma liberalidade de um rei narcisista e exibicionista que se torna ridícula” (CANDIDO, 2021, p. 297).

A Rainha Vasti também ela dá o seu banquete, para as mulheres que lhe fazem companhia (Ester 1,9). Gesto de cortesia ou talvez de rebeldia, desafiando aqui o poder patriarcal do seu esposo-Rei? Ainda mais porque, na sociedade persa, “era considerado indecente para as esposas da nobreza Persa participarem de festas com homens bebendo” (BERLIN, 2014, p.1622).

Uma crise de poder se instala logo no início da narrativa bíblica. Conselheiros de um rei ébrio aumentam a tensão ao afirmar que a decisão da Rainha Vasti é um ato contra a majestade Persa e mais ainda um verdadeiro perigo que incitaria outras mulheres no reino a não obedecerem

a seus maridos (cf. Ester 1,16-18). Uma nova característica desse Imperador Persa se apresenta: “além de emitir decretos inúteis, o faz sob o efeito do álcool e confia nas sugestões de lacaios astutos” (CANDIDO, 2021, p. 298).

Logo em seguida, o leitor-ouvinte se depara com outro banquete de Ester. Esta mulher se envolveria com o Rei estrangeiro e assimilaria a cultura Persa? Ao se olhar mais nos detalhes da narrativa bíblica “fica evidente que é uma narrativa complexa, com vários níveis, dos quais somente as beiradas são visíveis. Indo mais ao fundo revela diferentes aspectos do papel de Ester e mesmo de seu ser” (STEINSALTZ, 2020, p. 239).

No caso da Rainha Ester, existe o caso de uma única pessoa, dentro da minoria, que para poder sobreviver, nega a sua identidade. Enquanto for possível ela não irá se apresentar como parte dessa minoria. Michael Jackson foi branquear a sua pele. Ele não queria ser visto como parte da minoria. E a Rainha Ester não queria ser vista como judia. Na verdade, quando se vai ler a meguilá da Rainha Ester, ela não reage de imediato, dizendo “o meu povo está sendo ameaçado”! Ela diz ao seu tio Mardoqueu, que isso não era um problema dela. “Mardoqueu mandou dizer a Ester: “Não penses que, única no reino, diferentemente de todos os outros judeus, tu escaparás. Porque se nesta ocasião te fazes de surda, é de outro lugar que virá socorro e salvação para os judeus, ao passo que tu e tua família, vós sereis aniquilados” (cf. Ester 4,13.14).

Não se pode ter dúvidas, a festa de Purim, a qual remete à leitura do Livro de Ester “contrasta com as outras festas do calendário hebraico” (STEINSALTZ, 2011, p. 138) e um dos motivos de ter sido aceito este livro dentro do cânone das Escrituras de Israel é que esta narrativa mostra propositalmente o povo de Israel no exílio e se desenvolve em tal contexto.

### **Rainha Ester só acordou quando foi ameaçada**

A rainha Ester personifica minorias que só vão se mexer quando são ameaçadas. De fato, pela narrativa bíblica, a rainha Ester nem sequer estava preocupada com a minoria dela. Só quando o perigo real tocou em sua vida como indivíduo é que parece ter acordado. Também existem muitos indivíduos que se desassociam de seus grupos e que não querem ser vistos como parte deles. Pessoas que não estão nem nos grupos e nem mesmo fora deles. Se não houver identificação, quando a ameaça vier, será que irá acontecer algo realmente? Isso vale tanto para as minorias frente a maiorias, ou vale também para os indivíduos dentro de minorias quando

eles perdem a identidade?

## **Possíveis soluções para sair desse impasse**

“Se você ficar neutro frente a situações de injustiça, você escolheu o lado do opressor” (Desmond Tutu). Além da não-neutralidade nas escolhas que devem ser feitas, existe também a necessidade de rever e de valorizar melhor o conceito de cidadania em vez de minoria. Para isso é válido lembrar que é necessário “empenhar-se por estabelecer nas nossas sociedades o conceito de cidadania plena e renunciar ao uso discriminatório do termo minorias, que traz consigo as sementes de se sentir isolado e da inferioridade” (FRANCISCO, 2020, n° 131). Deste modo não se cultiva o terreno nem para as hostilidades e não se favorece a discórdias que sempre procuram por querer diminuir as conquistas e os direitos religiosos e civis de alguns cidadãos, favorecendo deste modo a discriminação.

## **Os que ameaçam e perseguem: enfrentamentos e conflitos**

Em princípio, é preciso perguntar-se ainda por que “as pessoas sejam capazes de infligir dor em outros seres humanos, algumas vezes inadvertidamente, mas na maioria das vezes, deliberadamente e conscientemente”? (GILLMAN, 1990, p.187). Por qual lógica, e por qual razão, pode ser candidato a um cargo do conselho de Defesa da ONU um país que não preservam em seu próprio país os direitos humanos? Lógicas irracionais e fadadas ao descrédito, a tragédias anunciadas.

Um detalhe surpreendente, diante do extremismo crescente contra a minoria judaica no mundo, pode ser notado numa recente cerimônia na qual foi homenageado o cineasta Steven Spielberg pela Universidade do Sul da Califórnia com a Medalha USC pelos seus 30 anos à frente da Fundação Shoah. O cineasta Steven Spielberg condenou a programada, construída e posta a entrar em funcionamento do que ele nomeou como a “máquina do extremismo” que estimula o antissemitismo nos campos universitários dos EUA desde 7 de outubro de 2023” (SPIELBERG, 2024). O cineasta alertou para a atual situação preocupante de crescimento do antissemitismo no mundo e comparou o momento com os eventos que levaram ao Holocausto. Spielberg fez um apelo contra o antissemitismo e todas as formas de discriminação, sublinhando a necessidade de uma sociedade que celebre as diferenças. Deve haver, disse o cineasta Spielberg um esforço constante para educar as futuras gerações. A Fundação Shoah, literalmente catástrofe, que procura identificar, registrar e compartilhar histórias dos

sobreviventes do nazismo, tem sido fundamental na educação sobre o Holocausto e na luta contra o antissemitismo. Esta tarefa tem por objetivo não somente prestar homenagem a tantos que foram atingidos como minoria pelas tragédias acontecidas no passado, mas procurar-se igualmente cultivar, aflorar o sentido de responsabilidade nas novas gerações para que não deixem o horror do antissemitismo repetir-se.

Há que lembrar dos vários movimentos antissemitas anteriores à Shoah. A História narra os massacres de judeus executados pelas Cruzadas enquanto atravessavam a Alemanha, e das perseguições aos judeus durante os mais de três séculos da Inquisição, e dos pogroms mortíferos no Leste Europeu dois séculos atrás.

### **Perguntas para alargar a fraternidade**

A festa de Purim, portanto, pode ajudar a fraternidade, a favorecer a cidadania, a respeitar ainda mais a grupos de pessoas ameaçadas e a buscar soluções concretas. A Rainha Ester e sua narrativa bíblica que se tornam referenciais para todo o povo Judeu que vive no exílio. Parece realmente que em cada geração existirá sempre o desafio de vivenciar uma fraternidade possível, de existir enfim uma geração que possa viver em paz sem ter de se sentir ameaçada concretamente “pelo símbolo do tirano, do déspota, capaz de provocar uma tremenda catástrofe sobre o povo de Israel no exílio”, e sobre tantas outras minorias, perseguidas e injustiçadas (STEINSALTZ, 2011, p. 140). Surpreende sempre que as minorias sofram desmandos e maquinações como as do malvado Hamã que afirmava ao rei Persa: “entre os povos de todas as províncias de teu reino existe um povo espalhado e segregado, cujas leis são diferentes das leis de todos os outros povos, e que não cumpre as ordens do rei; não convém ao rei deixá-lo viver” (Ester 3,8).

### **Como trazer essas reflexões para dentro de casa?**

Pacto Social entre as pessoas faz pensar na urgência “... por um consciente e consistente combate de lucidez . São necessários mesmo aprendizados, para que uma nova relação com a vida, uma nova cultura e um novo estilo de vida se difundam entre nós e em nós” (MESSIAS, 2024, p. 242).

Para dentro de casa, e para dentro da realidade. Como o episódio da senhora que ao ir para um concerto sinfônico na Sala São Paulo e para isso pegando um taxi, foi alertada pelo motorista que este faria outro caminho desviando da região chamada Cracolândia, para evitar que a sua cliente

fosse obrigada a ver essa triste realidade dos dependentes químicos. Ao que a senhora respondeu que, por ela, o motorista devia sim passar por ali para que ela visse a realidade e sentisse a dor, para que no dia seguinte ela mesma procurasse se mexer para mudar essa situação. Mas a passageira repetia ao motorista que ela tinha que ver, mesmo que não saiba no momento o que fazer por eles. Deveria ela participar das decisões do governo sobre as pessoas que machucadas, degradam e incomodam a realidade. Deve haver maior participação das discussões sobre quais formas seriam possíveis para cuidar dessas pessoas, talvez isso ajudasse a diminuir a indiferença e a negligência social diante dos problemas.

### **Sobre um imaginário, mas apoiado, plano para “Salvar as Baleias”**

Propostas para dentro da realidade, com ações concretas e não apoiado apenas numa ‘torcida para que tudo dê certo’. Um episódio que ilustra isso foi o de um Plano ecológico proposto 35 anos atrás por uma entidade internacional com a meta de ‘salvar as baleias’ que estavam em perigo de extinção por causa da pesca predatória. A proposta era maravilhosa e teve um eco no mundo todo. Todos eram a favor, só que nada de muito concreto aconteceu. As pessoas não sabiam direito o que fazer, ou não queriam se envolver mais intensamente. Corre-se o risco de igualmente apoiar-se uma fraternidade, desde que determinadas minorias não sejam atacadas, ou que contradizendo os interesses financeiros prejudiquem os interesses pessoais e lucrativos de determinados grupos a quem se apoia, consciente ou ingenuamente. Com isso não haverá real preocupação com os problemas concretos, mantendo os interesses excusos de grupos, sem criar soluções para os que estão à margem. Nem fraternidade possível, nem boa-vontade para pensar estratégias sociais que diminuam os efeitos dramáticos do empobrecimento de muitos na sociedade, de muitas minorias, colocadas finalmente debaixo do tapete ou simplesmente ignoradas.

Quais propostas podem ser trazidas para cuidar, alimentar, conviver com os migrantes, os forasteiros, as mulheres, que chegaram e continuam chegando e sobrevivendo no Brasil?

Temos válidos e bons documentos, mas a inexistência de leis ou de boas regulamentações e aplicações, tornam os documentos e textos relativamente irrelevantes. Existem atualmente muitos bons projetos de “salvar as baleias”, mas que não levam a mudanças efetivas.

Será que a Fraternidade Universal seja algo sonhado mesmo? Será que seja mesmo desejada essa Fraternidade? A realidade transpira, de fato,

que esta seja pouco buscada e testemunhada nos atuais momentos em que vivemos. Será mesmo necessário uma urgente educação para a conversão ao Outro, quem quer que ele seja?

A consideração pelas diferenças deve marcar nossas relações dentro da sociedade. “Respeito, respeitar, significa cultivar apreço, consideração, deferência. Isto não significa simplesmente concordar com a posição alheia, mas permite que o outro manifeste livremente sua posição” (SPENGLER, 2024). Viver esse respeito é viver livremente a reciprocidade, promovendo, estabelecendo leis que promovam verdadeiramente o bem comum, resultando deste modo numa convivência pacífica, mas para isso é urgente conhecer e praticar a tarefa ética da política e da educação.

Escrito em plena festa judaica de Purim, em meio a bombardeios de antissemitismo, o mundo parece de fato ter-se esquecido quem são os verdadeiros terroristas. Minorias são esquecidas, fraternidades são indesejadas.

Talvez a oração da Rainha Ester possa contribuir ainda mais uma vez para vislumbrar possíveis soluções: “E disse a Rainha Ester para que fosse respondido a Mardoqueu: Vai! Reúna todos os hebreus que se acham em Susa e jejuai por mim; ficai três dias sem comer e sem beber, nem de noite e nem de dia. Eu também com minhas damas jejuaremos da mesma forma, e depois me apresentarei ao rei, embora seja contra a lei; e se tiver de morrer, morreréi” (Ester 4,16).

Os detalhes mais surpreendentes, porém, vêm quando Judeus e Cristãos leem juntos as Escrituras de Israel, o Antigo Testamento, porque eles têm a impressão de estarem lendo os mesmos textos. Mas essa impressão se esvazia quando se lê algumas páginas, porque de fato existem duas versões, uma em grego e outra em hebraico. A versão em hebraico foi canonizada e lida integralmente na Festa de Purim.

A história é a mesma, com os mesmos personagens, rei e rainhas, conselheiros e participantes da corte no palácio, mas a versão grega acrescenta alguns versículos a mais do que o texto hebraico. Como exemplo, o Rei Assuero não conhece ainda a verdadeira identidade judaica de Ester, que arrisca sua vida. Mas como o próprio Mardoqueu lhe havia dito: “Quem sabe se não foi justamente em previsão de uma circunstância como esta que chegaste à realeza?” (Ester 4,14).

O vocábulo que identifica Deus, que não aparece literalmente no texto bíblico escrito em hebraico, parece, contudo, acontecer sobre os constantes elementos humanos: “a coragem e a atratividade de Ester, os sábios conselheiros de Mardoqueu; a capacidade do Rei Assuero de mudar

de opinião salvando o povo hebreu” (MILANI, 2021, p. 303).

A versão grega dos LXX (Setenta) ao contrário, acrescenta entre o final do capítulo 4 e no começo do capítulo 5 do Livro de Ester uma oração específica seja de Mardoqueu: “Depois, recordando-se de todas as obras do Senhor, Mardoqueu dirigiu-lhe a seguinte oração: ‘Senhor, Senhor rei Todo-Poderoso, tudo está sob o vosso domínio, e não há quem possa opor-se a vós em vossa vontade de salvar a Israel!’” (Ester 4,17 a.b), bem como na oração de Ester: “Desde a sua promoção até agora, nunca vossa serva provou alegria, a não ser em Vós, Senhor, Deus de Abraão. Ó Deus, cuja força prevalece sobre todos, ouvi a voz dos desesperados, salvai-nos das mãos dos malfeitores e livrai-me dos meus temores!” (Ester 4, 17w.x).

Ambos, Mardoqueu e Ester se confiam e se abandonam a Deus, o único que tem poder de realmente mudar a situação, de virar a mesa. Talvez ambos possam propor ainda outra escuta possível: “ouvir a voz dos desesperados!” (Ester 4,17x), ou seja, a escutar a voz das minorias. Ensinar a escutar a sua voz e na voz aflita também dos desesperados, daqueles que agonizam e sofrem, escutar o ruído dos outros, como caminho de reconciliação, respeito e melhores convivências.

Talvez ainda seja possível fazer cair as máscaras de hipocrisia e de indiferença diante da voz abafada e anêmica dos desesperados e famintos, da voz sufocada e assassinada do feminicídio das mulheres oprimidas e mortas dentro dos seus lares e/ou dentro do assédio diário e violento nos seus trabalhos. Com certeza virar a situação tão celebrada enfim em Purim, pode ser sinal de esperança de que o grito dos pobres vai merecer e ter atenção, que a força e a inteligência do amor fraterno é mais forte e mais poderoso do que a força do mal egoísta dos que pensam serem filhos únicos e herdeiros de tudo. A vontade de “Deus em salvar Israel” permanece (Ester 4,17b). Aprendamos com o Deus de nossos pais, a salvar a humanidade, a salvar da opressão de todo infame terrorismo e antissemitismo. A salvar a humanidade de todo fraticídio louco e inconsequente em favor de pouquíssimos, porém gananciosos, senhores mercadores de armas.

Sempre haverá a oportunidade de dizer: Hoje é “o momento de sair do quadro da lógica habitual, de ultrapassar os limites e de abrir os horizontes que não se consegue ver durante todo o ano!” (STEINSALTZ, 2011, p. 160). Outra fraternidade seja possível, outro mundo é possível. Assumir outras iniciativas corajosas e estabelecer de fato na agenda tempo para realizá-las. Em Purim, e em cada momento da vida, sempre será possível quebrar o egoísmo e muitos outros gêneros de individualismos e

pensar outras formas de se relacionar com a criação e com as pessoas que vivem dentro dela. Mais do que esmola, talvez seja vital estender a atenção ao irmão que, por ser humano, implora dignidade, reconhecimento, respeito, ao seu jeito de ser e de existir, agradável ou não.

Talvez ainda se tenha medo das consequências que tal fraternidade humana possa trazer. E se definitivamente for possível construir relações mais respeitadas e fraternas entre grupos diferentes? E se com honestidade ocorresse o empenho de considerar de fato os outros como irmãos? Sim, existe a carência de paz e de uma profunda amizade social, possível, não ingênua e nem utópica. A irracionalidade e a loucura da guerra entre povos e nações não faz sentido algum. Para Judeus a opressão dos Egípcios e para Cristãos a opressão dos Romanos pareciam insustentáveis e intermináveis. Seria possível, verdadeiramente, entrar todos numa festa de tal fraternidade? Haveria ainda, como dizia Adin Steinsaltz, “necessidade de querer saber quem deseja verdadeiramente entrar nessa festa?” (STEINSALTZ, 2011, p. 163). E estando dentro dessa festa finalmente esperada, nessa loteria, quem tiraria o prêmio maior ou nessa festa jubilosa da fraternidade haveria a possibilidade de todos terem um prêmio menor, mas todos ganharem? A festa e o dia de ninguém mais precisar ser considerado minoria nem maioria, porque todos têm direito a viver livremente, sem ameaças, sem terrorismo, e com muitos possíveis amigos, mas com uma infinidade incontável de irmãos, no único sangue da raça humana que corre na veia de todos.

Quem abriria tal porta para a entrada de tantas pessoas desconhecidas? Quem colocaria as condições para a entrada das pessoas? Partilhar as convicções éticas e bíblicas entre Judeus e Cristãos como imenso patrimônio ético e moral talvez seja mais fácil (cf. FRANCISCO, 2013, n° 249). E como seria a preparação para abrir a porta também para os venezuelanos, para os indígenas e para os árabes? Tudo depende da disponibilidade efetiva de abrir a porta! Quantos anseiam por proximidade, fé, solidariedade, escuta. E quantos que não toleram o diferente são igualmente convidados a conviver, a superarem a aversão aos pobres, aos que não pensam do mesmo modo. Mesmo diante de tanta violência, de tanta violação de direitos, de tanta ferocidade dos que ameaçam e se sentem ofendidos quando igualados nos seus direitos de cidadania, não permitir que seja roubada a esperança de dias melhores, de relações melhores, de vida sem perseguições, sem preconceitos e sem pobreza, sem feminicídios, sem autoritarismos e sem filhos únicos e mimados, birrentos porque não querem e não sentem alegria em partilhar nada com ninguém.

É preciso lembrar o quanto a Bíblia enfatiza a ideia de serem amados e protegidos os menos aventurados: “Ele faz justiça ao órfão e à viúva, e ama o estrangeiro, ao qual dá alimento e roupa” (Deuteronômio 10,18-19). E o texto não fica só na sugestão de que devemos amar a todos. O texto propõe formas práticas de demonstrar esse amor, não colhendo o que está nos quatro cantos da terra arada, e não recolhendo os frutos que caem no chão durante a colheita. Esse mantimentos são para os mais vulneráveis na sociedade (Cf. Levítico 19,9-10; 23,22). É preciso pensar, criar e adotar estratégias para demonstrar e entregar amor e fraternidade igualmente no século XXI.

É mais do que urgente enfrentar a questão da fraternidade com seriedade, com boa vontade e com a inteligência do amor que é mais forte do que o mal e a morte, que o terrorismo e do que o antissemitismo. Procurar novas formas de superação da falta de fraternidade que geram, ainda hoje, milhares de mortes e de exclusão, antes, procurar novas formas de inclusão. Isso sempre irá gerar conflitos, mas a transformação virá, e a colheita dessas sementes de fraternidade plantadas e regadas com muita dedicação será bela, muito bela! A inexistência do sofrimento e da miséria, antes causadas pela falta de fraternidade, não será de modo algum mais desejada novamente.

## REFERÊNCIAS

BERLIN, Adele; BRETTLER, Marc Zvi. **The Jewish Study Bible**. New York: Oxford University Press, 2014.

CANDIDO, Dionisio. Il banchetto di Ester. In: MORSELLI, Marco Cassuto; MICHELINI, Giulio. **La Bibbia dell'Amicizia. Brani dei Ketuvim/Scritti commentati da ebrei e cristiani**. Milano: Edizioni San Paolo, 2021, p. 296-301.

**CENSO 2021**, Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil | IBGE. Acesso em 21/03/2024.

**CENSO 2022**, Mulheres são maioria em todas as regiões pela primeira vez | Agência Brasil (ebc.com.br). Acesso em 26/03/2024.

FRANCISCO, **Evangelii Gaudium**. In: **Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual** (24 de novembro de 2013) | Francisco (vatican.va). Acesso em 28/03/2024.

FRANCISCO. Fratelli Tutti. 2020. In: papa-francesco\_20201003\_enciclica-fratelli-tutti.pdf (vatican.va). Acesso em 27/03/2024.

GERSTENBERGER, Erhard S. **Israel no tempo dos persas. Séculos V e IV antes de Cristo**. São Paulo: Loyola, 2014.

GILLMAN, Neil. **Sacred Fragments. Recovering Theology for the Modern Jew**. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1990.

MAJOR, Livia. In: Como Brasil está diante da atual situação do Haiti e seus migrantes no país? Especialista comenta | **MigraMundo**. Acesso em 28/03/2024.

MENDONÇA, Cardeal Tolentino. In: **Fratelli Tutti**: Uma política que semeia divisão, inimizade ou um ceticismo desolador é uma política condenada ao fracasso» - D. José Tolentino Mendonça - Agência ECCLESIA. Acesso em 24/03/2024.

MESSIAS, Elvis R. Exortação Apostólica Laudate Deum. Um olhar complexo e integral sobre a crise climática. In: **REB**, Petrópolis, volume 84, número 327, p. 2935-251. Jan./Abr. 2024.

MILANI, Claudia. La Preghiera di Ester. In: MORSELLI, Marco Cassuto; MICHELINI, Giulio. **La Bibbia dell'Amicizia**. Brani dei Ketuvim/Scritti commentati da ebrei e cristiani. Milano: Edizioni San Paolo, 2021, p. 302-306.

SOARES, Matias. A Campanha da Fraternidade de 2024. In: A Campanha da Fraternidade de 2024. Artigo de Matias Soares - Instituto Humanitas Unisinos - **IHU**. Acesso em 27/03/2024.

SPENGLER, Jaime. In: Presidente da CNBB fala sobre a Campanha da Fraternidade | **Variedades** (brasildefators.com.br). Acesso em 27/03/2024

SPIELBERG, Steven. Por uma sociedade que celebre as diferenças. In: **Judaísmo e Cristianismo** - Por uma sociedade que celebre as diferenças (judaismoecristianismo.org). Acesso em 27/03/2024.

STEINSALTZ, Adin. **Introduction à l'Esprit des Fêtes Juives**. Paris: Albin Michel, 2011.

STEINSALTZ, Adin. **Figuras da Bíblia**. São Paulo: Sefer, 2020.

WIGODER, Geoffrey. *Esther*. In: **Dictionnaire Encyclopédique du Judaïsme**. Paris: Cerf/ Robert Laffont, 1996.